Evento: XXX Jornada de Pesquisa

DO SUJEITO À SERVIDÃO VOLUNTÁRIA[1]

Felipe Brentano Caneppelle[2], Janini Catia Bruscki[3], Luciane Miranda [4], Clever Ronaldo de Moraes Amarilla[5]

[1] Pesquisa desenvolvida a partir de grupo de estudos.

[2] Psicólogo; Graduado em psicologia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e Pós Graduado em Psicanálise e análise do contemporâneo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
[3] Psicóloga; Graduada em Psicologia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.
[4] Psicóloga; Graduada em psicologia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e Mestre em atenção integral à saúde pela Universidade Regional do Rio Grande do Sul e Universidade de Cruz Alta.
[5] Psicólogo; Graduado em Psicologia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e Mestrando em Desenvolvimento e Políticas Públicas pela Universidade Federal da Fronteira Sul.

INTRODUÇÃO

O tema do estudo vai de encontro com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU). Pontua-se que é fundamental pensar em mudanças estruturais no campo econômico e ambiental, mas também em transformações no campo simbólico e cultural - motor das mudanças estruturais. Nesse sentido, infere-se que reflexões psicanalíticas e filosóficas sobre a subjetividade humana e os mecanismos da servidão voluntária contribuem significativamente para a construção de uma forma de sociedade melhor. Com base nisso, o presente texto encontra respaldo em diferentes ODS ao propor uma análise contemporânea da servidão voluntária, a partir de La Boétie e autores posteriores, como Freud, Lacan, Chaui e Rinaldi.

METODOLOGIA

O trabalho será realizado mediante uma revisão bibliográfica, a pesquisa se dará de forma qualitativa levando em conta o conceito da servidão voluntária de Étienne de Lá Boétie escrito originalmente em 1574, mas ainda apresentando problemáticas atuais. Será realizado uma releitura com atravessamentos psicanalíticos, utilizando conceitos de autores como Freud, Lacan, Rinaldi, entre outros para termos uma visão contemporânea deste fenômeno.

O SUJEITO E A SERVIDÃO VOLUNTÁRIA.

CHAUI, em seu livro *Contra a servidão voluntária* (2013), aponta o paradoxo presente na expressão "servidão voluntária". Ela destaca que as palavras "servidão" e "voluntária" possuem sentidos etimologicamente opostos, enquanto a primeira remete à ausência de escolha, a segunda indica a existência de uma opção. No entanto, não tratamos aqui de um

indivíduo e servidão voluntária, mas sim de um Sujeito dividido, da forma com que é conceituado pela psicanálise.

É fundamental fazer distinção entre indivíduo e Sujeito para compreendermos o léxico psicanalítico que embasa este texto. O indivíduo é compreendido como uma unidade isolada e indivisa, enquanto o Sujeito, para a psicanálise, é marcado pela divisão pela falta e pela inscrição simbólica que o atravessa. Nesse sentido, o indivíduo pode parecer livre para decidir, mas o Sujeito está submetido a determinações inconscientes que escapam ao seu controle.

O conceito de Desejo é central para essa discussão. Em psicanálise, o Desejo emerge da falta estruturante no processo de constituição psíquica. Ele é moldado pelas relações com o outro e com a cultura, criando um Sujeito sempre atravessado por tensões entre o que deseja, o que pode desejar e o que lhe é permitido desejar. Assim, o Sujeito não é o membro selvagem do clã totêmico citado por Freud em *Totem e tabu* (1913), mas guarda com ele um ponto em comum: o conflito entre o prazer e a culpa, entre o desejo de ocupar o lugar do Outro e a interdição que civiliza esse desejo.

A famosa citação de La Boétie (1987), "ver um número infinito de pessoas [...] aturando os roubos, os deboches, as crueldades, não de um exército, [...] mas de um só homenzinho", expõe a perplexidade diante da obediência coletiva ao tirano. Quando pensamos no indivíduo, podemos supor uma oposição entre servidão e vontade; mas quando consideramos o Sujeito, essa oposição se dilui. Surge então a ideia de uma servidão sustentada pelo desejo, atravessada pela culpa e pela necessidade de deslocar a responsabilidade do ato para uma ordem externa.

Hannah Arendt, em *Eichmann em Jerusalém* (2000), exemplifica esse movimento ao apontar como, em seu contexto histórico e social, Eichmann aderiu a um sistema mortífero não por monstruosidade, mas pela banalização de suas escolhas e pela adesão burocrática a uma ordem maior. Não se trata aqui de examinar sua biografia, mas de compreender como a pulsão pode ser mobilizada e autorizada por discursos que legitimam a violência e encobrem a culpa. Essa é uma forma de servidão voluntária, capturada por um desejo colonizado.

Propõe-se, então, que a servidão voluntária se estrutura a partir da forma como a decisão de obedecer é colonizada pelo poder sedutor de determinados discursos. Esses discursos penetram nos aspectos subjetivos do Sujeito e articulam-se às suas pulsões e desejos.

Para Freud (1920), "nós temos abordado não a substância viva, mas as forças que nela atuam, e nos vimos levados a distinguir duas classes de pulsões: as que pretendem conduzir a vida à morte, e as outras, as pulsões sexuais, que aspiram continuamente à renovação da vida" (p. 45). Freud propõe que o funcionamento psíquico se baseia em uma dinâmica entre essas forças contraditórias. A criança passa por um processo de civilização ao nascer, onde suas pulsões são limitadas e redirecionadas. A cultura impõe barreiras à satisfação, forçando o Sujeito a se conter, mas também o tornando suscetível ao retorno dessas pulsões sob formas diversas.

Em *Totem e tabu*, Freud (1913), mostra como os conflitos primitivos eram resolvidos por meio da violência, direcionando a agressividade ao outro. A psicanálise reconhece que tais impulsos não desaparecem, mas podem ser simbolizados, sublimados ou redirecionados. O perigo está quando o Sujeito encontra meios de realizar sua pulsão de forma socialmente autorizada através da identificação com o outro ou com um discurso dominante, sem responsabilização subjetiva.

A "colonização do desejo" é o processo pelo qual o Sujeito passa a investir seu desejo em um objeto externo, o "objeto do colonizador", que pressupõem a promessa subjetiva de satisfação pulsional. Isso pode desestabilizar os limites impostos pela civilização e reatualiza os mecanismos primitivos de violência sob formas modernas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A articulação entre desejo, civilização e servidão voluntária permite compreender como o Sujeito pode aderir a projetos autoritários ou violentos mesmo em contextos democráticos ou racionais. Pensar a servidão voluntária através da ótica subjetiva oferecida pela psicanálise é um caminho necessário para compreender os mecanismos psíquicos que sustentam a adesão a formas de dominação, em vezes violentas. Desta forma, a escuta e a crítica cultural emergem como ferramentas para romper com a compulsão à repetição e, consequentemente, a barbárie, incluindo novas formas de liberdades subjetivas. Essa perspectiva também é compatível com os ODS propostos pela ONU, especialmente o ODS 16: Paz, Justiça e Instituições Eficazes, ao oferecer instrumentos teóricos e clínicos para a construção de sociedades mais conscientes e justas. A psicanálise, ao tocar nas entranhas do laço social, revela-se como uma prática ética e política indispensável à sustentação do humano diante da ameaça de sua repetição trágica.

Palavras-chave: Cultura, Desejo, Servidão voluntária, Sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, H. Eichmann em Jerusalém. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CHAUI, M. *Contra a servidão voluntária, São Paulo: Autêntica Editora, 2013.*

FREUD, S. (1913). Totem e tabu. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.13, pp.11-191). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913).

_____. (1914b). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 83-119.

_____. (1920). *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. (1921) "Psicologia das massas e análise do eu". *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Edição do Kindle. São Paulo: Autêntica, 2020.

_____. (1930) Mal-estar na Civilização. In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXII.

_____. "Psicologia de grupo e análise do ego", in *Edição standard das obras psicológicas completas de Freud*, Rio Janeiro, Imago, 1921/1976.

LA BOÉTIE, E. de. *Discurso da servidão voluntária*, São Paulo, Escuta, 1987.

LACAN, J. *Seminário XVII: O avesso da psicanálise* (1969-70), Rio de Janeiro, Zahar, 1992.

_____. *Seminário XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1964/1979.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise.* 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

RINALDI, D. *A subjetividade hoje: os paradoxos da servidão voluntária*. Rio de Janeiro. Scielo, 2007.